

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS INDICAM O CAMINHO A TODOS OS ANTI-SALAZARISTAS

Eventando-se em defesa das suas associações escolares e pelo direito ao convívio nacional e internacional entre si, milhares de estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto têm mostrado neste mês e meio de luta que não querem lutas, mas sim colaboração emigre; que não querem isolamento, mas sim convívio e troca de experiências entre si e com os estudantes dos outros países.

Neste mês e meio de luta árdua e difícil, os estudantes do ensino superior de todo o país alcançaram já uma importante vitória, a transformação do decreto 40.900 em proposta de lei.

Agora a Câmara Corporativa vai discutir esta proposta de lei, o que coloca ante estes a necessidade e o dever de fazerem chegar à Câmara Corporativa os seus anseios — O QUE QUEREM VER MODIFICADO.

Os estudantes nunca deverão esquecer que as autoridades fizeram tudo para impedir os 2.500 estudantes que se movimentaram em frente da Assembleia Nacional de aqui entrarem, e que só a sua firmeza e serenidade ante as brutais agressões das forças policiais que o governo alçou contra eles lhes permitiu vencer. A presença de 1.700 estudantes dentro da Assembleia Nacional foi o principal factor que levou os deputados a não aprovar o decreto sem emendas.

Por outro lado, os estudantes não poderão ignorar que o nosso povo está com os olhos postos neles e lhes mostra toda a sua simpatia ao apoiar, porque sabe que a luta dos estudantes por associações livres é a sua própria luta pela liberdade.

Os estudantes não se deixam corromper e não se vergam ante as ameaças e as agressões

Os governantes salazaristas não chegaram

a meios para dividir os estudantes, impedir a sua justa luta.

Ante a indignação unânime dos estudantes causada pela publicação do decreto 40.900, o próprio ministro e também o Subsecretário da Educação e o Reitor da Universidade de Coimbra não hesitaram em garantir mentalmente aos dirigentes académicos de Coimbra que o decreto não atingiria a sua Associação, se os estudantes desta universidade se desligassem dos seus colegas de Lisboa. Bons educadores, não resta dúvida! Por sua vez, o ministro da presidência, Marcello Caetano, pretendia enganar os estudantes de Lisboa dizendo a alguns dos seus representantes que estava preocupado com o assunto do decreto, que dois dos seus estudantes nomeados pelo governo para a comissão circun-escolar e um professor não tinham aceitado pertencer a ela. Que, por isso, o governo estava disposto a suspender o decreto, mas, dizia, com a condição de os estudantes pararem imediatamente com a agitação, pois, dizia, o governo queria entrar numa nova era de colaboração com a juventude. Provocar a confusão entre os estudantes, confundindo-os e dividindo-os, para depois lhes impôr a sua vontade, eis a fórmula educadora do Sr. Marcello Caetano.

Se era intenção do governo suspender o decreto, porque o não fez a primeira reacção dos estudantes? Porque não teve na devida conta os justos pedidos dos estudantes de todo o país? A agitação dos estudantes teria logo se o governo assim tivesse procedido.

Se era intenção do governo entrar numa nova era de colaboração com a juventude, porque não aceitou a elaboração dos estudantes quando estes, já em Outubro passado, pediram para serem ouvidos, para darem as suas opiniões? Porque não ordena a reabertura de todas as associações? Porque não consente que todos os estudantes, todos os jovens, se organizem livremente? Porque teima em se opor arbitrariamente à realização do Congresso Nacional dos

TODO O POVO DE LEIRIA contra a companhia eléctrica das beiras

Para impôr maiores tarifas ao povo, para obrigar a Câmara de Leiria, sua concessionária a fazer novos contratos, a COMPANHIA ELÉCTRICA DAS BEIRAS, que detém o monopólio da distribuição da energia eléctrica no Concelho de LEIRIA, já há longos meses vinha fazendo cortes sistemáticos de energia que ultimamente se tornaram mais frequentes.

Como não podia deixar de ser, esta situação criou o descontentamento, o mal-estar e a revolta entre o povo de Leiria que decidiu: «isto tem que acabar!» E, se bem pensou, melhor o fez. Juntaram-se todos — operários, comerciantes, industriais, párocos e mais habitantes — e numa bela manifestação de quando pelo a decisão e vontade de um povo, marcharam para o Governo Civil, no dia 25 de Janeiro, onde expuseram as suas reclamações. O COMÉRCIO E A INDÚSTRIA PARALIZARAM AS SUAS ACTIVIDADES; TODO O POVO SE INCORPOROU NA MANIFESTAÇÃO NO TOTAL DE ALGUNS MILHARES.

O que reclamou a Comissão que incluía representantes dos consumidores, dos comerciantes e dos industriais e que, acompanhada de grande número de manifestantes foi recebida pelo governador civil? Que a Companhia seja obrigada a normalizar o fornecimento a que lhe sejam aplicadas sanções pelos prejuízos causados. A Comissão protestou também contra o aumento das tarifas projectado que considerou uma «perspectiva inadmissível».

Passou-se uma semana e a situação continuava na mesma. Então a Comissão veio com o governador civil a Lisboa e foi protestar junto do ministro do Interior. A forte unidade que até aqui tem dado provas o valente povo de Leiria tornou, primeiro o governador e depois o ministro do Interior a atender os seus pedidos justos. O ministro foi mesmo forçado a prometer que as coisas se normalizariam. Mas, essa promessa parece encobrir o propósito de consentir no aumento das tarifas, como é desejo da Companhia, o que aliás não será de admirar, dado que o governo de Salazar é o governo dos grandes monopólios.

Traia-se pois, para o povo de Leiria de manter e reforçar a sua unidade, de se manter vigilante quanto ao cumprimento das promessas do ministro e de impedir, pela sua luta, que a Companhia, com o apoio do governo leve por diante os seus intentos de aumentar as tarifas de electricidade. E o povo pode impedir.

A. GUNHAL E H. GALVÃO devem ser libertados

Não obstante perfilharem ideias políticas absolutamente antagónicas, Álvaro Cunhal e o capitão Henrique Galvão sojrem há longos anos nas masmorras salazaristas, ambos já terminaram as penas a que foram condenados injustamente, e não obstante isso, ambos continuam presos arbitrariamente.

Os salazaristas ousam falar em países livres, em liberdade, em justiça, em legalidade, etc., mas, como se vê, tudo isso soa a falso na boca deles. Eles não cumprem mesmo as suas próprias leis de excepção. Isto coloca ante cada trabalhador, ante cada português, o sagrado dever de contribuir por todos os meios que estejam ao seu alcance para que a legalidade triunfe em Portugal. Para já é preciso que todos façam alguma coisa para obter a libertação de Álvaro Cunhal, do capitão Henrique Galvão e de todos os presos políticos com as penas terminadas.

Estudantes? Não seria acaso num congresso, mas num congresso organizado e realizado livremente, que os estudantes poderiam debater os seus problemas e dar conhecimento deles ao governo?

Seria, sim. Mas o governo seguiu um outro caminho. Quando os estudantes de Lisboa, no uso de um direito consignado na Constituição, se preparavam para entregar uma petição assinada por cerca de 3.000 na Assembleia Nacional e assistir à sessão, o governo alçou contra eles poderosas forças repressivas para os impedir de usar daquele direito. Mais, o presidente da Assembleia Nacional recusou-se a receber a petição dos estudantes de Lisboa.

Que se conclua de tudo isto? Conclua-se que foram o governo e o presidente da Assembleia Nacional que se colocaram fora de própria lei fascista e foram os estudantes que lutaram pelo seu cumprimento.

Solidarizemo-nos com os estudantes

A luta nacional dos estudantes é mais um reflexo do descontentamento popular que cresce contra a ditadura salazarista, eis tem sido uma demonstração brilhante de como é possível fazer recuar o governo nos seus senhais contra os direitos dos cidadãos.

Estudantes como o monárquico Figueirinhas, como o católico Carlos Portas, como Álvaro Barreto (sobrinho do professor Bis-saia Barreto) e muitos outros foram agredidos brutalmente pelas forças policiais.

O Partido Comunista Português solidariza-se com os estudantes e apela para que a classe operária, todos os trabalhadores, todos os anti-salazaristas sem distinção de crenças religiosas e tendências políticas manifestem a sua solidariedade aos estudantes de Lisboa, protestando contra as agressões de que foram vítimas.

Envio mensagens de apoio e solidariedade aos estudantes universitários de todo o país e às suas associações!

Envio cartas, postais, exposições, etc., ao governo, Assembleia Nacional, Câmara Corporativa e aos professores universitários pedindo que sejam satisfeitas as reivindicações dos estudantes!

Firmes e unidos e com a ajuda e simpatia das massas populares, e em primeiro lugar da classe operária, os estudantes triunfarão.

O triunfo dos estudantes será um triunfo de todo o povo na sua luta pela liberdade. Ajudem os, pois, os estudantes e vencer.

MAIS DE 600 CAMPONESAS FIZERAM GREVE

As valentes camponesas de BENCATEL começaram a trabalhar na apanha da azeitona sem jorna estabelecida. Os agrários pagaram 8500, 9500 e 10500 na primeira e na segunda semana. Na terceira semana MAIS DE 600 MULHERES recusaram pedir 12500. Os agrários recusaram pagar. ENTÃO AS CAMPONESAS FIZERAM SE EM GREVE. E, dum forma organizada, caminharam para a vitória: formaram piquetes de mulheres que à saída das ruas da localidade tinham por missão impedir que outras camponesas aceitassem os 10500. Chegaram mesmo a former cordões na estrada para impedir que uma camioneta com 20 mulheres contratadas por um agrário a 10500, avançasse, e conversaram com as suas companheiras que abandonaram toda a camioneta. O agrário teve que dar os 12500. O mesmo teve que fazer outro agrário António Simões que quando as camponesas lhe foram pedir 12500 respondeu: «50 1200!»

Todas unidas, firmes, corajosas e decididas as valentes camponesas do Bencatel alcançaram uma bela vitória a mostraram a todos os trabalhadores como é possível, em qualquer trabalho, não aceitar as jornas de fome que os agrários sempre querem pagar.

Como se alcançaram mais vitórias

Foi a disposição de luta e a unidade dos camponesas de SOUZEL que lhes permitiu conquistar a jorna de 20500 para os homens e o pagamento de 10500 por canastra para as mulheres em vez de 17500 e 8500 respectivamente que os agrários queriam pagar na apanha da azeitona.

A bela vitória conseguida pelas camponesas de BENAVALIA e de AVIS que conquistaram, pela sua luta, um contrato que lhes deu 40500 e mais de jorna na apanha da azeitona, foi também um fruto da sua unidade, combalvidade e firmeza.

Outros aumentos foram conseguidos,

A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DO RECENSEAMENTO A UNIÃO SERVE O POVO, A DESUNIÃO SÓ SERVE A CAMARILHA SALAZARISTA

Já há meses que o Partido Comunista Português se pronunciou pela participação da oposição anti-salazarista nos próximos actos eleitorais. Se bem que os outros partidos e grupos da oposição não tinham ainda dado a conhecer publicamente a sua posição, tudo parece indicar que se preparam para participar neles.

NATURALMENTE, QUE TERIA UMA GRANDE IMPORTÂNCIA POLÍTICA NACIONAL. QUE ESSES PARTIDOS, MOVIMENTOS E GRUPOS POLÍTICOS DA OPOSIÇÃO SE PRONUNCIASSEM PÚBLICAMENTE SOBRE O ASSUNTO E EXPUSSESSEM OS SEUS PROGRAMAS E AS CONDIÇÕES EM QUE PENSAM PARTICIPAR, QUER DIZER, SE EM UNIDADE COM TODOS OS ANTI-SALAZARISTAS OU SE SEPARADOS, MAS ISSO É UM PROBLEMA QUE SÓ A ELES DIZ RESPEITO. LONGE DE NOS PRETENDER EMISCUIR-NOS NA SUA VIDA INTERNA.

O Partido Comunista Português, como é já do conhecimento público, tem feito apelos constantes a todos os partidos e grupos políticos democráticos no sentido de todos marcharem unidos para as próximas batalhas eleitorais, na base de uma plataforma comum. Infelizmente até hoje ainda nenhum desses partidos ou grupos políticos respondeu aos apelos do nosso Partido.

O Partido Comunista Português tem considerado e considera que a oposição democrática e anti-salazarista só poderá alcançar sucessos nas próximas batalhas eleitorais se se apresentar unida num verdadeiro bloco eleitoral anti-salazarista, sem quaisquer exclusões.

O Partido Comunista Português tem considerado e continua a considerar que a falta de unidade de acção entre todos os anti-salazaristas só serve o camarilha salazarista. Entretanto, parece que nem todos têm ainda plena consciência disso e que, segundo nós, representa um mal para todas as forças anti-salazaristas em conjunto e para cada uma delas em separado, e, em primeiro lugar, para o nosso povo.

Todavia, o Partido Comunista Português considera que se as grandes massas populares, se a classe operária, se os camponesas, se os intelectuais, se os estudantes, se todos aqueles que já hoje se pronunciam pela ampla unidade anti-salazarista contra o governo fascista de Salazar se puserem em movimento na luta pelas suas reivindicações

económicas, sociais e políticas, se se organizarem em amplas comissões recenseadoras e eleitorais, ajudando todos os que ainda hesitam a compreender que só unidas as forças democráticas e anti-salazaristas terão possibilidades de alcançar vitórias sobre a camarilha salazarista.

Pronunciando-se o Partido Comunista Português pela participação da oposição democrática e anti-salazarista nos próximos actos eleitorais e estando certo de que todas as forças de oposição se preparam para participar neles, o recenseamento de todos os portugueses e portuguesas com direito a voto assume enorme importância política. Agora não se trata já apenas de todos se recensearem independentemente da idade ou não às eleições, MAS SIM DE TODOS SE RECENSEAREM PARA PARTICIPAR NAS ELEIÇÕES, PARA SE IR ÀS À LOCA DAS URNAS.

Muitas são as dificuldades a vencer para todos se recensearem. Por outro lado, é preciso ter presente que muitos portugueses não sabem mesmo o que fazer para se recensearem e um grande número ignora mesmo que haja recenseamento.

Sendo assim, necessário se torna a constituição de Comissões Recenseadoras ou Eleitorais e a montagem de postos de recenseamento por toda a parte, para ajudarem todos os portugueses e portuguesas com direito a voto a recensearem-se, sem qualquer preocupação de se saber quem se ajuda a recensear. O QUE IMPORTA É QUE TODOS SE INSCREVAM NOS CADERNOS ELEITORAIS.

Iremos às eleições (esta a posição do nosso Partido) por isso, a batalha pelo recenseamento de todos deve ser levada até ao fim, até ao último dia, 15 de Março, com entusiasmo e tenacidade, pois cada um deve ter presente que já não haverá outro período de recenseamento até às eleições para deputados.

Travada a batalha pelo recenseamento de todos lancemo-nos no trabalho pelo união de todos para a escolha dos listas dos candidatos anti-salazaristas e pela organização e mobilização dos eleitores para irem votar neles e obstar, pela sua presença em massa, que os fascistas fizessem os resultados.

A Unidade serve o Povo. A divisão serve apenas a camarilha salazarista. Que todos se recensem! Que todos se preparem para votar!



OS COLONIALISTAS PORTUGUESES NA O.N.U.

O governo de Salazar está mal colocado na ONU. Tendo aceitado os seus princípios não os cumpre em parte alguma. Para responderem às acusações contra o colonialismo de que são alvo na ONU, os salazaristas não encontram outro argumento além do estafado já de que não existem colónias portuguesas, mas sim províncias como são do Minho ou do Alentejo, onde todos os habitantes gozam dos mesmos direitos.

Entretanto, os factos mostram bem o contrário. Assim pergunta-se: Será porque os povos das colónias têm direitos iguais aos da Metrópole que ao fim de mais de quatro séculos de domínio português as estatísticas oficiais da 1951 sómente tenham dado como civilizados 25.000 negros de Angola e 4.377 de Moçambique numa população de respectivamente 4.065.248 e 5.644.000? Com este ritmo civilizador quantos séculos faltarão ainda para civilizar estas populações? Os salazaristas que respondam.

Será ainda por terem direitos iguais aos dos brancos que os negros de Angola e Moçambique são enviados à força em inúmeros porões de navios para as rocas das ilhas de S. Tomé e Príncipe? Será ainda por terem direitos iguais aos dos brancos que na colónia de Moçambique são arrastados todos os anos mais de 100 mil negros para irem trabalhar para as minas do Transvaal, o que traz para os colonialistas um rendimento de 50.000 contos anuais?

Será também, por exemplo, por ter direitos iguais que um chofer negro nas colónias, fazendo o mesmo serviço que um chofer branco recebe 6 e 7 vezes menos salário?

A estes e outras perguntas que poderíamos fazer, que respondam se puderem os salazaristas e os seus defensores do ocasião. E se puderem respondam também porque numa população de mais de 10 milhões de negros de Angola e Moçambique não há um único representante da sua cor na chamada Assembleia Nacional?

O próprio delegado português na ONU senhor Franco Nogueira, em 4-2-1957 foi forçado a declarar ao reconhecer que em três das chamadas províncias ultramarinas, Angola, Moçambique e Guiné a população não goza de direitos iguais devido a ser-lhe aplicado o estatuto do indigenato. Assim pergunta-se: quem é que faz a verdade? O senhor Franco Nogueira ou o ministro do Ultramar, que no mesmo dia declarou que «Portugal não tem territórios não autónomos porque as populações das províncias ultramarinas administram».

«se a si próprios.» Positivamente os governantes salazaristas estão já a meter os pés pelas mãos e o que eles não podem esconder é que o facto de terem mudado o nome de colónia para província em nada modificou as coisas.

Claro que não se deve confundir, de modo algum, a epopeia dos descobrimentos e o que eles representariam para o progresso da Humanidade, assim como o valor militar demonstrado pelos portugueses de antanho com o político colonial, de rapina que sempre seguiram as classes dominantes do Portugal.

Esta verdade histórica foi delatada pelo representante do Brasil na ONU, Sr. Grieco, em relação à sua própria Pátria, ao declarar que nunca as relações entre Portugal e o Brasil foram de senhor para escravo. Os brasileiros de antes de 1822 tinham a opinião diametralmente oposta. Nessa altura a escravidão era oficializada no Brasil. A história ensina que muitos patriotas brasileiros pagaram com a vida os seus anseios de libertação do jugo colonial português.

Os colonialistas portugueses tiveram também no delegado dos Estados Unidos um acérrimo defensor. Pudera, se só a concessão feita pelo actual governo português à companhia norte-americana Gulf Oil Co.ª cobre 120 mil quilómetros quadrados, ou seja, quase vez e meia o território de Portugal! E que dizer dos interesses dos monopólios norte-americanos nas minas de diamantes e de manganês de Angola e nas minas de manganês de Goa? Ao fim e ao cabo os imperialistas norte-americanos ao defenderem o governo de Salazar defendem os seus próprios interesses.

A despeito do furor dos colonialistas de todas as latitudes, o sistema colonial desmorona-se. Nenhuma força no mundo poderá deter a luta vitoriosa dos povos coloniais e dependentes, pela sua liberdade e independência.

OS SALÁRIOS E ORDENADOS TEM QUE SUBIR!

A própria experiência de cada um, seja ele operário, empregado, militar, dona de casa ou trabalhador intelectual, mostra todos os dias que os preços dos artigos de grande consumo (alimentação, vestuário, medicamentos, etc.), assim como as rendas da casa sobem constantemente e que, como os salários e vencimentos não sobem, (ou quando sobem é muito pouco e só à custa de tenaz luta) a vida vai-se tornando cada vez mais difícil, muitas vezes insuportável. E não há «estatísticas» ou discursos que possam encobrir esta triste realidade: o nosso povo vive cada vez pior, a fome e a miséria são cada vez maiores. Isto para falar apenas de comer e vestir, sem sequer nos referirmos às necessidades espirituais: recreativas, culturais, etc., que são privilégio de uns milhares entre os 8 milhões de portugueses.

Sendo assim pode perguntar-se: Então se esse sentimento de insatisfação é geral, se a miséria é tão grande que muitas vezes nem sequer o chamado «mínimo vital» se consegue, porque é que o nosso povo não reclama em massa melhores condições de vida, melhores salários e ordenados? É que o governo, aqueles sobre cujos ombros recai a responsabilidade deste estado de coisas, têm nestes 30 anos de opressão prometido, prometido sempre, por um lado, e por outro aterrorizado, ameaçado até assassinado os que se levantam por melhor vida para o povo. A mentira e o cacete têm sido as grandes armas dos governantes salazaristas.

O povo porém começa a compreender esta simples realidade: só pela sua própria luta poderá melhorar a sua vida e dos seus, já que nada há a esperar dum governo que só protege os muito grandes da indústria, da terra e da banca, cujos interesses defende como um cão fiável. E os pedidos de aumentos de salários e ordenados sucedem-se

vitoriosos sempre que os trabalhadores se unem e insistem, insistem sempre até serem entendidos como sucedeu recentemente na Shell, (de 10 a 30%), na Vacuum, de 20 a 50%, na Hauser & Fernandes, na Refinaria Colonial, (5000 a 7300 por dia), em LISBOA. Nos estaleiros de Borges do Rego e nos de Filhão, em PORTIMAO, na serração de Eduardo Lopes, em LEIRIA, numas obras no Barcel, etc..

Porém, dentro de pouco tempo os aumentos conseguidos são logo anulados por novo aumento do custo da vida. Porque sabem que o governo de Salazar e o governo das grandes paróides, estes escusam-se por todas as formas a clauder os pedidos dos operários e empregados. São a insistência, a firmeza e sobretudo a unidade dos trabalhadores poderá levá-los a obter o que reclamam: AUMENTO DE SALÁRIOS. E, quando apesar da sua insistência e da justiça das suas reclamações, não forem atendidos, os trabalhadores não devem hesitar em recorrer a formas superiores de luta indo até às paralizações curtas ou longas de trabalho, À GREVE.

Na empresa, no escritório, no Banco, na Escola, nas repartições está a luta de todos os que vivem da sua actividade, seja ela manual ou intelectual. Esta é ainda a luta das donas de casa, a quem cabe a espinhosa tarefa de esticar os salários e ordenados. Seria de desejar que, por todas as formas ao seu alcance, elas apoiassem a luta dos maridos, pais, filhos, irmãos ou parentes, nas empresas, nas companhias ou noutros locais onde eles trabalham, ali se concentrando ou para lá enviando o seu apoio colectivo aos seus parentes em luta, ou ainda reclamando junto das autoridades um aumento geral de salários e vencimentos, para que estes acompanhem a subida do custo de vida.

Não tenhamos dúvidas. Se quando se sentir assediado por todos os lados, só quando se convencer de que TODOS estão dispostos a lutar é que o governo tomará medidas para que subam os salários e vencimentos.

ATE QUANDO?

Em toda a imprensa diária, revistas e outras publicações, assim como na rádio se reflete o descontentamento, o mal-estar e o desgosto que entre os artistas e demais gente ligada ao teatro, ao cinema e à rádio causa a existência dum ferrea censura que, como um garrote, asfixia toda a produção e representação dramática e cinematográfica. O chamado subsídio não passa afinal de mais um reforço da censura pois que quem o recebe fica obri-

gado a representar o que lhe impõem e, por vezes, é à última hora, depois das despesas feitas, que vem a ordem da censura: «fora!» Assim se explica que, a despeito de receber um subsídio oficial, o empresário Vasco Morgado, por exemplo, tivesse este ano ao prejuizo de mais de 300 contos na exploração do teatro Avenida, em Lisboa.

A deslocação, a irritação, o desespero invadiram e emurgiram o coração de muitos artistas do tablado e da tela. MANUELA PORTO, SARA VALE e mais recentemente LAURA ALVES (esta felizmente salva a tempo) foram aliadas por este estado de coisas para o caminho do suicídio. E quantos não têm sido obrigados a abandonar os palcos e os estúdios, o seu modo de vida, a sua aspiração máxima! Crianças, homens e mulheres não saíram no desespero dum situação sem perspectivas e que dava chagras cada vez mais fundas nas suas almas desalentadas por tantas lutas vãs, por tantas esperanças queimadas!...

Lutas vãs porque foram conduzidas quase isoladamente sem o aproveitamento daquele espírito de camaradagem que transforma os artistas em membros dum mesma família, que afinal sofre toda com o mesmo: a crise do teatro e do cinema.

E não se diga que o nosso povo não gosta de bom teatro. Para provar que sim ali está o êxito alcançado pela Companhia brasileira de Maria Della Costa.

Não se diga também que temos falta de talentos ou valores entre a gente do teatro, cinema ou da rádio. Quantos não se têm tornado elementos de primeira grandeza no estrangeiro onde foram buscar ambiente que lhes faltava na sua terra! O que falta é liberdade de criação, é verdadeira protecção às artes e às letras. Mas, o clamor de descontentamento que cresce entre a gente de teatro e cinema e restenle povo contra a censura, a causa fundamental desta crise, acabará por se tornar tão forte que obrigará o governo a pôr-lhe fim. Basta que todos se unam gente do teatro, cinema e rádio, escritores, poetas, artistas, etc. e apelem para o apoio de todo o povo para pedirem que acabe a censura, que o teatro e cinema sejam materialmente ajudados pelo Estado, mas sem que isso implique imposições de qualquer ordem.

Só então poderemos falar do ressurgimento do teatro e do cinema português.

TRIBUNA DOS LEITORES DO "AVANTE!"

«LUTEMOS PELO AUMENTO GERAL!»
Publicamos hoje as declarações que fez ao «Avante!» o operário metalúrgico J. N., de 35 anos:

«Tenho mulher e um filho e ganho 38\$. Gasto a fêria toda na comida e mesmo assim não chega. Tive que alugar os quartos todos a hóspedes que me pagam a renda da casa, se não fosse isso filho que ir viver para uma barraca. A roupa e o calçado gastam-se até à última e quanto o dinheiro para distrações, nem falo nisso... Adeoci há tempos e tive que fazer uma subscrição entre os companheiros senão não tinha dinheiro para comer nem para comprar os remédios, pois na primeira semana de doença não recebemos nem um tostão.

Há mais de um ano que não temos aumento. Eu já trabalhei nesta empresa há 7 anos e o aumento que tive até agora foram 65! Espo de acordo em que devemos trabalhar para que o nosso sindicato consiga um aumento para a classe, e também vamos pedir aos patrões que nos dêm

aumento. Também acho que deviam pagar os feriados como antigamente e até o domingo nós tinhamos o direito de ganhar porque o domingo também se come.»

UMA LIÇÃO

—Uma fábrica de coriça de Lisboa tem 5 encarregados, dos quais 4 já apanharam grandes lances dos operários. O último ficou 10 dias de cama. Ao voltar do «molho» pediu a demissão. Como encarregado ganhava 120\$00 por dia. Agora passa a ganhar 55\$00 como operário. Há tareias bem empregadas, como esta. Pelo que parece o homem tomou juízo... Mas esta não é a melhor solução visto que o operário que a pratica sofre as suas consequências. É despedido, etc..

A melhor solução é os operários unirem-se todos quando se trata de existência de um encarregado malandro na fábrica e exigirem do patrão que o despeça ou o tire do lugar de encarregado.

Um operário coriçeiro

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

NOVEMBRO DE 1956	Africa revolu-	Homen, ao	« 49 66	52.00
A. Cunhal 20.00	cion. (11-12)	grande amigo	« n.º 230	174.50
Aos Perseguidos 405.50	Alberto (B)	S.P. Gomes 50.00	« n.º 231	57.50
Amigos da Pátria 20.00	Alf. Lima (A)	Homen, a L.	« n.º 262	81.50
Aux. à liber. do C. Vitorino 15.00	Am. de Sousa 515.00	Prestes 15.00	« n.º 271	62.30
Idem 10.00	Am. (S)	Imã de um camarada 100.00	« n.º 225	15.00
Aux. ao Part. Fr. Mig. (P)	Auz. Costa (F)	Intransigente 70.00	« n.º 226	28.00
Liber. do C. Vitorino 71.00	A. Uel. vencer 40.00	José Gregório 246.00	« n.º 279	67.50
Idem 20.00	Avante oper.	Idem I R 500.00	« n.º 541	206.00
Idem (F) 65.00	const. navais 592.00	José Magro (JA)	« n.º 342	45.60
Idem (R) 65.00	Bandeira moscovite 65.00	José Moreira (JA)	« n.º 344	154.00
Luta do povo persistente na luta 75.00	B. Gonçalves A.A.	José Neves A 55.00	« n.º 550	720.00
Proletários 450.00	Boa via 1.000.00	José Vitorino 16.00	« n.º 551	150.00
Idem 20.00	Boa via 1.000.00	Jovem Pioneiro 38.50	« n.º 552	60.00
Paiz Paz 20.00	Camarada Es- teves 11-12 40.00	Lista n.º 101 258.00	« n.º 6	108.50
Santos 1.000.00	Campino A 7.50	« n.º 43	« n.º 43	10.00
Textil 10.00	Campan. colect. 500.00	« n.º 43	« n.º 43	35.00
Um am. do P. Um aliado do Partido «Avante!» 5.00	Cavaleiro da Esperança 50.00	« n.º 43	« n.º 43	68.00
Unidade Anti-Salazarista Vermelhos do Sul Viva o Partido 8 de Março 110.00	« n.º 2 30.00	« n.º 43	« n.º 43	80.00
DEZEMBRO DE 1956	C. D. 1.000.00	« n.º 43	« n.º 43	75.00
Abaixo o Bié 140.00	Humanos 152.50	« n.º 43	« n.º 43	50.00
	Dnaper (11) 50.00	« n.º 105	« n.º 105	1.117.00
	Esperança no futuro 415.50	« n.º 547	« n.º 547	14.00
	« n.º 398	« n.º 548	« n.º 548	2.50
	« n.º 4	« n.º 8 A	« n.º 8 A	42.50
	« n.º 23	« n.º 45 A	« n.º 45 A	22.50
	« n.º 61	« n.º 44 A	« n.º 44 A	76.00
	« n.º 78	« n.º 69	« n.º 69	12.50
	« n.º 85	« n.º 48	« n.º 48	2.50
	« n.º 105	« n.º 46	« n.º 46	21.50
	« n.º 105	« n.º 45	« n.º 45	57.50
	« n.º 105	« n.º 51	« n.º 51	144.00

MAIS VITIMAS DA CAMPANHA DA PRODUTIVIDADE

Devido ao trabalho de empreitada im-

posto aos mineiros de Aljustrel para salvar a produção, aumentam cada vez mais os desastres que vão roubando a vida a alguns mineiros e deixando outros incapacitados para o trabalho.

Só no mês de Novembro ocorreram 2 desastres na mina de Aljustrel, perdendo a vida um mineiro e ficando mais três gravemente feridos.

Outro desastre deu-se porque um mineiro, tendo que acender muitos furos a seguir, acabou por ser apanhado pela explosão do primeiro quando ainda acendia o último.

Tudo isto se passa com um desprezo absoluto por parte da direcção da mina, dos encarregados e das autoridades. O desprezo é tal que a empresa em vez de chamar uma ambulância pretendeu enviar para Lisboa num furgão de mercadorias um mineiro gravemente ferido, o que só não aconteceu porque os mineiros, indignados, a isso se opuseram.

Apesar da oposição da empresa, os mineiros foram em massa ao funeral do companheiro morto e exigiram que lhes fossem pagas as horas perdidas.

Um mineiro que no comitêrio disse algumas palavras lembrando a exploração de que eram vítimas por parte de uma companhia estrangeira e o desprezo a que esta vota os mineiros e suas famílias, foi chamado à PSP e à gerência que o ameaçaram de prisão e despedimento. Para isto já as autoridades e gerência estão atentas!

Os mineiros de Aljustrel mais uma vez tiveram a prova de que só a sua unidade e luta lhes garantirão o aumento de salário por que vêm lutando há mais dum ano, devendo também lutar para acabar com o trabalho de empreitada.

Mudança de regime	200.00	Idem (11)	205.00
Nova era	60.00	Idem Pro-gressivo	20.00
O fascismo morrerá	19.50	Por uma ampla amnistia	10.00
Oper. lutam	110.00	Pró Amnist. V	25.00
Paiz Paz	287.00	Progressista	122.00
Cultura	120.00	Pró Luta	150.00
Para glória do Partido	200.00	Postal Verm.	8.00
Paz e Trabalho	50.00	Serg. Vitorino	60.00
Paiz Dem. Pop.	45.00	Simplificadas	17.50
Idem, p. a lib.	15.00	« n.º 111	70.00
« n.º 111	15.00	Tipogr. em luta	300.00
« n.º 111	15.00	Trab. Derru- ção Salazar	350.00
« n.º 111	15.00	Todos os re- censeamento	40.00
« n.º 111	15.00	Udarnik	160.00
« n.º 111	15.00	Um novo com. Unid.	10.00
« n.º 111	15.00	Um ribatejano	200.00
« n.º 111	15.00	Unidade, arma da vitória	110.00
« n.º 111	15.00	TOTAL	31.322.60

«DEBAIXO DE CHUVA NÃO TRABALHAREMOS!»

A CENTRAL TEJO, das CRGE, em Lisboa, tem esadado a trabalhar de dia e de noite. Na madrugada de 28 de Dezembro de 50 carregadores de carvão e cinzas foram surpreendidos no seu dura fêria por uma chuva gelada e resolverem unanimemente parar o trabalho. Ao tempo passava, as caldeiras começavam a fêria abaixo, mas os carregadores recusavam-se a pôr em risco a sua saúde. Foi só então que os dirigentes viram bem a falta que lhes fazem estas modestas trabalhadores que ganham 30\$00 por um serviço extenuante; houve carterias, telefonemas, e um engenheiro levantou-se da cama para vir pedir aos carregadores que voltassem ao trabalho, mas estes responderam firmemente: «Debaixo de chuva não trabalhamos!» Alguém se lembrou então de que havia arrecadados dezenas de fêlos de cêdo, muitos já estragados por falta de uso! Envergando os fêtos, os valentes carregadores retomaram o trabalho, após duas horas de paralização.